

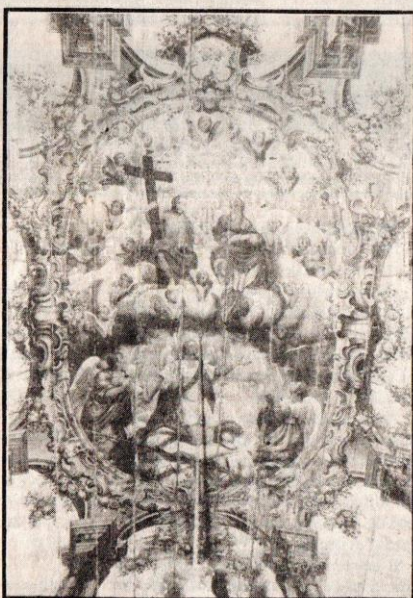
# São Miguel do Cajuru

Arcângelo é a atual denominação do primitivo arraial de São Miguel do Cajuru, situado no antigo caminho dos tropeiros paulistas, distrito pouco conhecido dos sanjoanenses e, cujo monumento único, a Igreja de São Miguel apresenta pintura de inusitado valor.

Segundo o professor emérito da USP, Dr. Francisco da Silveira Bueno, a palavra Cajuru vem do Tupi-Guarani, originando-se de "CAA", mata, "YURU", boca/entrada: a boca, a entrada do sertão. As origens do distrito remontam à segunda década do século XVIII, conforme registro de Sebastião de Oliveira Cintra, em Efemérides de São João del Rei, que cita "uma referência escrita em 12/08/

1719, sobre a fazenda do Engenho de São Miguel, que possivelmente teria dado origem a São Miguel do Cajuru - atual Arcângelo". Ainda hoje a população do distrito é bastante rarefeita e de aspecto simples, mas o arraial de São Miguel do Cajuru já conheceu épocas de grande importância e, no império ligou seu nome aos Barões de Cajuru, um dos quais vinculado à Revolução Liberal de 1842.

No final da Primeira metade do Século XVIII, conforme citação de Carlos Del Negro em seu livro "Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mi-



neira", já existiria a primitiva capela do lugar, como uma filial da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João del Rei, e na data de 31/05/1745 fora batizado naquela capela o Pe. Manuel Gonçalo Correia. Segundo informações, a primitiva capela dispunha de torre única, lateral, e certamente teria sua planta organizada no tradicional esquema de capela-mor, nave e coro, até hoje perceptiva, apesar das ampliações e modificações introduzidas por volta do ano de 1925.

Ainda que ampliada e bastante alterada em seu exterior, a antiga capela

ainda permanece quase que intacta em seu interior, principalmente no que tange às pinturas da nave e capela-mor, a não ser pelo prejuízo decorrido de uma restauração mal feita recentemente no forro da capela-mor. Quanto a outros objetos pertencentes à capela original, tais como pratarias, túrbulos, telas e outros, tudo foi sendo vendido e/ou subtraído durante os anos passados.

As pinturas dos torros da nave e da capela-mor de São Miguel do Cajuru justificam a inclusão da igreja no rol das mais importantes pinturas barrocas de Minas Gerais, e apresentam fortes traços característicos do pintor Manoel da Costa Ataíde (1762/1837) que é considerado a maior figura da pintura colonial de Minas Gerais, muito embora, de acordo com estudos mais recentes e detalhados, a pintura é atribuída ao discípulo de Ataíde, Joaquim José de Natividade, nascido provavelmente em São João del Rei.

Sobre a composição do forro da capela-mor, nos ensina o Professor Del Negro: "Moldura do quadro formado por caprichosos concheados e enrolamento, que a aproximam de uma figura retangular. Ao centro, São Miguel, representado com o pé apoiado à frente do outro, revela-nos a intenção do pintor de sugerir a figura em movimento, caminhando com o estandarte sobre as nuvens (...) São Miguel proclama o mistério da Santíssima Trindade, cujo símbolo está pintado no estandarte".

Na pintura do forro da nave o Prof. Del Negro destaca "a trama arquitetônica sustentante, simétrica em relação aos eixos (...) nos cantos os

doutores (Santo Ambrósio/São Gregório/Santo Agostinho e São Jerônimo) estão de pé nos púlpitos, em atitudes variadas e com os respectivos símbolos. Há profusão de flores e muito coloridas. A composição da parte superior do quadro oval, mais densa, com muitas nuvens e querubins, tem grande afinidade com a Santíssima Trindade do forro da nave do Santuário de congongas do Campo. A comunicação com a parte inferior, onde estão apenas três arcanjos ajoelhados, em adoração, faz-se por meio de pesadas nuvens (...)".

Devem ser continuados e ampliados os estudos referentes à pintura, para que exemplos como o da Igreja de São Miguel do Cajuru se tornem mais conhecidos e admirados, pois através destes estudos poderá ser promovida também a preservação de um grande patrimônio de grande riqueza e indiscutível significação que é a nossa pintura religiosa barroca.

Torna-se necessário sensibilizar suficientemente o público para a grande importância daquela obra de arte tão desconhecida, mas também, tão próxima de nós...

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA

**Nota:** O presente artigo, condensado e adaptado do original de Suzy Mello (Pintura Decorativa Religiosa), é uma tentativa do autor, que é filho da terra Cajuruense, sensibilizar e chamar a atenção dos cidadãos e autoridades sanjoanenses para a preservação da importante obra situada em nosso município, que é de valor incalculável, mas necessita de cuidados urgentes.

Jornal TRIBUNA SANJOANENSE

São João del-Rei – MG, ano XXVIII, edição 908, 07 de outubro de 1997, pág. 1